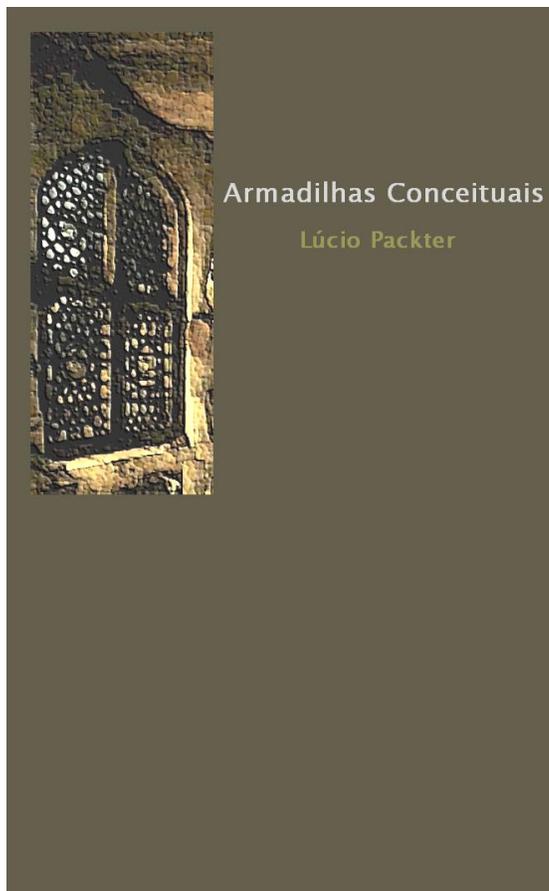


Armadilhas Conceituais
Lúcio Packter



Armadilhas Conceituais
Lúcio Packter

Lúcio Packter

ARMADILHAS CONCEITUAIS

Editora Garapuvu
2003

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP).

Packter, Lúcio

P118q Armadilhas Conceituais / Lúcio Packter

Florianópolis: Garapuvu, 2003

97p.

1. Filosofia. 2. Filosofia Clínica

I.Título

CDD – 18.ed. 100

ISBN 85-86966-11-8

Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem a autorização por escrito do autor, segundo o Artigo 184 do Código Penal Brasileiro.

Conteúdo

Introdução.....	04
Definição de Armadilha Conceitual.....	22
Armadilhas Conceituais e Limites.....	28
Elementos na Historicidade.....	33
Progênie Estrutural	40
Desenvolvimento e Conservação.....	48
Propriedades.....	53
Desfecho das Armadilhas Conceituais..	60
Parábola do Caminhante.....	65
Desenlaçando Armadilhas Conceituais..	70
Ultra-humano: além das Armadilhas Conceituais.....	87
Conclusão.....	95

Introdução

Podemos iniciar este ensaio chamando a atenção para algumas manifestações emblemáticas em diferentes contextos da história.

Inicialmente, o modo como Medeia participou da derrocada de sua própria família parecendo não conseguir agir de outra maneira.

Jasão foi educado pelo centauro Quíron após ser afastado da corte quando criança. Somente se trouxesse o mítico toção de ouro, guardado por um dragão, poderia assumir o trono em Iolco. Para uma missão cujo sucesso era sabidamente pouco provável, Jasão construiu o Argos, um barco com mastro feito de um dos carvalhos de Dodona, lugar vizinho ao templo de Júpiter, cujas árvores eram oráculos, e embarcou com um grupo de heróis, os argonautas. Entre eles encontravam-se Hércules, Orfeu e muitos outros. Jasão conseguiu o trono, casou-se com Medeia, teve filhos e obteve tudo o que almejou.

Então Jasão conheceu Creusa, filha do rei de Corinto, e abandonou Medeia. Esta se vingou de vários modos: primeiro, matando a noiva. Ainda furiosa, matou também seus dois filhos com Jasão. O próprio Jasão teve um final péssimo, pois, provavelmente, alucado de dor, suicidou-se.

Outro, entre tantos exemplos gregos de possíveis amarras existenciais, foi consagrado nos altares que se espalhavam para os cultos a Prometeu, principalmente em Atenas. Ésquilo ilustra a luta de Prometeu contra a injustiça e a onipotência divinas, um ícone da liberdade para os poetas românticos. Hesíodo nos relatou na Teogonia que Zeus não perdoou Prometeu por ter escapado à armadilha de Pandora e o acorrentou ao Cáucaso, para que um abutre eternamente lhe devorasse o fígado.

A Filosofia grega mostra as diferentes prisões para o homem, como as cadeias oriundas da política. Um modelo são os fragmentos reunidos por Andronico sob o título de Política, que Aristóteles parece ter escrito ao logo da vida. Para o filósofo, o homem é um animal

político, inclinado a fazer parte de uma pólis, a "*cidade*", enquanto sociedade política. Há bons regimes políticos como a monarquia, aristocracia e politeia. Eles asseguram a unidade, o desenvolvimento e a liberdade. O encarceramento em existência ficaria por conta de deformações como a tirania, oligarquia e demagogia.

Outro enfoque notável, agora sobre emoções enleadas, é encontrável no poema clássico da Idade Média, *Roman de la Rose*, certamente um momento raro da literatura francesa do século XIII. Lido por autores como Petrarca e Shakespeare, por muitos séculos tornou-se um referencial. Trata-se de uma alegoria que avilta as coisas sagradas. A primeira parte, da qual nos ocuparemos, foi escrita por Guillaume de Lorris entre 1230 e 1240, insinua uma sutil arte de amar, ao gosto da época; é concebida como um sonho: numa manhã de primavera, o personagem se acha ante um jardim onde a dama Bel-Accueil o convida e ele reúne, personificados, o Amor, a Alegria e a Juventude. Olha depois uma rosa e a ama desde cedo, mas esta é vigiada pela Vergonha, o

Medo, a Difamação e outros. O enredo é a luta contra os empecilhos ao amor.

Também é nota oportuna a conhecida defesa de Giordano Bruno em torno de suas idéias. Um exemplo de uma vivência enredada pelo conhecimento (episteme).

Giordano Bruno, com suas teorias do universo infinito e da multiplicidade dos mundos, a rejeição à astronomia geocêntrica tradicional, indo além da teoria heliocêntrica de Copérnico, que ainda admitia a existência de um universo finito, mais as pesadas críticas morais, teve uma vida difícil peregrinando por Universidades européias e se batendo sem fim contra católicos e protestantes. II candelario, obra de 1582 que publicou em Paris, atinge com força a sociedade napolitana da época, um texto contra sua degenerescência moral. Após regressar à Itália, ser denunciado ao Santo Ofício e preso, enfrentou um processo que durou sete anos, até ser declarado pela Inquisição apóstata e herético impenitente. Nunca abjurou de suas idéias; foi condenado à

morte e queimado na fogueira, no Campo di Fiori, em Roma, em 17 de fevereiro de 1600.

O medo, histórico cárcere humano, é mais um exemplo.

François Rabelais fala de Pantagruel, um príncipe gigante, comilão, fortíssimo, que viaja por várias Universidades até chegar a Paris. Na capital, conhece o astucioso e engraçado Panurgo, conversador nas diversas línguas conhecidas e outras inventadas. Uma amizade duradoura está ali constituída. Depois de 1537, Rabelais fixou residência em Lyon, importante centro cultural, e escreveu outra parte de sua obra, em 1546: *Le Tiers Livre des faictz et dictz héroïques du noble Pantagruel* (O terceiro livro dos fatos e ditos heróicos do nobre Pantagruel), obra na qual Pantagruel sofre uma profunda transformação e passa a ser um príncipe sereno e bem-humorado. Panurgo torna-se o cerne deste poema de longo fôlego, um fanfarrão que deseja, acima de tudo, o casamento; mas o medo intenso de ser traído o freia. Os amigos consultam sábios, consultam oráculos, que soltam verborragias sem conteúdo.

Vamos a mais um caso.

A tragédia em cinco atos que estreou em 1605 mostrando o ciúme de Otelo, tratado por Shakespeare na obra de mesmo nome, exhibe o tormento do general mouro a serviço de Veneza, que sem conseguir mais avaliar suas ações, mata sua fiel Desdêmona.

O amor pode restringir a ponto de atar fortemente a pessoa?

Os Sofrimentos do jovem Werther, de Johann Wolfgang von Goethe, publicado em 1774 e reelaborado em 1782 parece afirmar isso pelas cartas e notas que Werther escreve à Carlota.

A busca incessante por liberdade de Nora, em *Et Dukkehjem* (Casa de bonecas), de Ibsen, 1879, mostra como ela desiste da felicidade no lar para conquistar a independência pessoal. Neste caminho, Nora abandona o marido e os filhos.

E o pecado, é ele uma clausura?

Thomas Carlyle acredita que sim. O autor admite que a história é uma representação da

vontade divina, conforme mostrou em 1837 com sua obra *The French Revolution* (A revolução francesa), em que interpretou a revolução francesa como um castigo de Deus pelas transgressões e faltas da França.

A liberdade, outro exemplo.

Existencialmente pode-se ser agarrado por se achar que a liberdade e a verdade são o caminho único, como aproximadamente fez Baruch Spinoza. Após a formação rabínica durante a juventude, estudou com Franciscus van den Enden, um homem raro para a época, ateu e libertário no pensar, que ensinou a Spinoza línguas e as vertentes do pensamento mais avançado de então: Descartes. Não demorou para que Spinoza logo mostrasse os resultados de sua educação propondo pela primeira vez na história interpretar historicamente os textos bíblicos, afinal acreditava que o homem se liberta pela filosofia, pelas conformações da religião. Tal pensamento voltou-se contra a monarquia e a favor do regime democrático.

Na esplêndida *Ethica ordine geometrico demonstrata* (Ética demonstrada segundo a ordem geométrica), editada em 1677, meses depois de sua morte, Spinoza promove sua ontologia, estuda as paixões, elabora uma moral e a teoria da liberdade.

Ou o alçapão pode surgir em nome do raciocínio que estrutura uma causa?

Um ensinamento pode ser encontrado em B. F. Skinner. Em obras como *The Behavior of Organisms* (Comportamento dos Organismos) e *Science and Human Behavior* (Ciência e Comportamento Humano), o pesquisador afastou as motivações psíquicas como causa do comportamento humano, que, entendeu ele, era programado por condições do ambiente. A partir daí construiu máquinas de ensinar. É particularmente exemplar seu ensaio publicado em 1971 *Beyond Freedom and Dignity* (Além da Liberdade e da Dignidade); ali considera que os conceitos de liberdade e dignidade podem levar à autodestruição; oferece, em contrapartida, o conceito de "*tecnologia do comportamento*".

A arte também oferece suas clausuras feitas de verga ou arame. Temos muitos casos dignos de nota na pintura.

Paul Gauguin, após passar por Martinica, em 1887, retorna vigorosamente à exaltação da cor, como vemos na obra "*O Cristo amarelo*". Gauguin decidiu, a partir de 1891, viver no Taiti, trabalhando exaustivamente em construções escultóricas, um livro, *Noa noa*, de anotações sobre o povo maori, dezenas de quadros sobre tipos indígenas, como "*Vahiné no te tiare*".

Ou exemplos outros, como quando Le Corbusier, Fernand Léger e diversos artistas buscaram uma nova linguagem que associasse a aridez da geometria à plasticidade da máquina, levando à escola Bauhaus, de Weimar, na Alemanha, fundada por Walter Gropius, trazendo para seu corpo teórico homens como Kandinski e Paul Klee, houve de fato um parecer de que a arte irromperia finalmente em toda sua forma livre, pois existia o encontro, nem sempre em paz, do surrealismo abstrato, do construtivismo, do funcionalismo, dos trabalhos

inovadores geométricos e cromáticos de pesquisadores como Josef Albers, o elementarismo de Doesburg e tantas outras manifestações. Mais tarde, por volta de 1925, viriam importantes contribuições do cubismo, do abstracionismo geométrico trazendo outros nomes como Mondrian, quando o eixo dos trabalhos agora era impetuoso na França.

Surgiram manifestações outras como as pesquisas ópticas, a optical art, de Victor Vasarely. A ars accurata de Richard Paul Lohse, construtivismo matemático calcado em estruturas cibernéticas, que levou à arte por computador (computer art). Dadaísmo e outras concepções surgiam por toda a Europa. Em alguns períodos, a liberdade parecia ter escravizado a todos, como no caso da pintura gestual (action painting), trabalho bruto no qual inexistia objetivo ao pintar, sendo o resultado um elemento aleatório derivado do momento do autor. Jackson Pollock é talvez o epicentro da escola.

Na Filosofia os exemplos são tão loquazes quanto em todo o resto. Os filósofos

são historicamente especialistas competentes em construir e desconstruir nós existenciais como fez Immanuel Kant, sistematizador do idealismo transcendente; pareceu libertar do deserto metafísico não apenas a Filosofia alemã, mas a própria cultura. Sua elaboração de que o conhecimento da realidade somente é atingido mediante o aprofundamento nas faculdades do próprio sujeito, com a inevitável defesa do individualismo e da liberdade humana, construiu a base do idealismo metafísico e do romantismo que dominaram a primeira metade do século XIX.

A resignação pode ser uma cruel reclusão coercitiva.

Manuel du Bocage foi preso ao divulgar o poema "*Carta a Marília*", em 1797. A acusação apontava para impiedade e antimonarquismo, por isso ficou retido nas masmorras da Inquisição, saindo depois para o convento dos oratorianos. Ao contrário do que seria de se esperar, Bocage se submeteu às convenções religiosas e ao moralismo. Obteve o que chamamos de liberdade e viveu uma

existência deprimente traduzindo autores latinos e franceses.

Sobre os valores, são eles clássicos em gradear existências sob o argumento de proteção e observância às normas.

Giovanni Boccaccio é representativo por ter vivido os conflitos que se impuseram na Idade Média quando os princípios teocráticos e feudais se chocaram contra um humanismo robustecido pelo levante da burguesia mercantilista.

Boccaccio foi para Nápoles, próximo de 1328, com o propósito paterno de aprender sobre negócios. Mas Nápoles, que era um dos centros intelectuais e liberais, levou o jovem a reconsiderar e, reconsiderando, abandonou o comércio.

Por volta de 1344 aparece *Elegia di madonna Fiammetta*, obra formidável na qual o amor se emancipa das tradições cristãs tornando-se burguês e profano. Um importante preâmbulo a *Decameron*, que terminou em

1353, cuja inspiração deveu a epidemia de peste de 1348 em Florença.

Mas o sonho, talvez o mais conceituado instrumento romântico e idealista para romper armadilhas que destroem a existência, não é ele mesmo muitas vezes um entrave?

Miguel de Cervantes ergueu seu hino na espontaneidade dos ciganos, enquanto sua Espanha monárquico-católica ruía e sua vida de funcionário público destoava de suas aspirações.

El ingenioso hidalgo don Quijote de la Mancha (O engenhoso nobre Don Quixote de La Mancha), publicado por Cervantes em 1605, mostra o incursão por terras da Mancha, de Aragão e de Catalunha do pequeno fidalgo castelhano, que estraçalhou o juízo após profundo e demorado estudo dos romances de cavalaria e agora procura repetir seus heróis eleitos. Ao entrelaçar-se em aventuras, suas fantasias são sempre afrontadas por uma realidade difícil.

O pobre fidalgo chama-se Alonso Quijano, chamado pelos vizinhos de o Bom.

Quijano veste-se dos anúncios cavalheirescos de amor, de justiça, de paz, de liberdade e apronta-se para correr o mundo, em luta por tais valores.

Encarcera-se então em seu título que lhe serve de excelente papel existencial, o de Don Quijote de la Mancha, em seu pobre cavalo velho e descarnado, Rocinante, em sua camponesa a quem confere o nome de Dulcinea del Toboso, presumida dama da alta nobreza, seu escudeiro, o empobrecido camponês Sancho Pança, que se atrai pelas miragens do cavaleiro.

A esperança, uma busca maior, inspirada no paraíso, na redenção, na promessa de que o medo e a miséria terminarão, pode arruinar a coação de uma vida e atirá-la em outra não pior, mas nem por isso melhor.

Não é o que Dante Alighieri anuncia na Divina Comédia, obra que levou cerca de treze anos escrevendo, mas a promessa é subjacente.

O texto trata dos caminhos do poeta do centro da Terra até chegar a Deus, à luz. Inferno, Purgatório e Paraíso, subdivididos em círculos concêntricos, até o décimo céu, o

Empíreo, a morada de Deus. Toda a obra foi realizada na tradição medieval da poesia alegórica. O poema é a história da alma de Dante, da provável armadilha conceitual que lhe é inalienável. Dante dava créditos à monarquia, ao imperador, ao Papa, a Deus e prolonga suas esperanças em sua obra.

Mas o próprio material utilizado pela pessoa pode levá-la a ser capturada e entesada contra os muros existenciais.

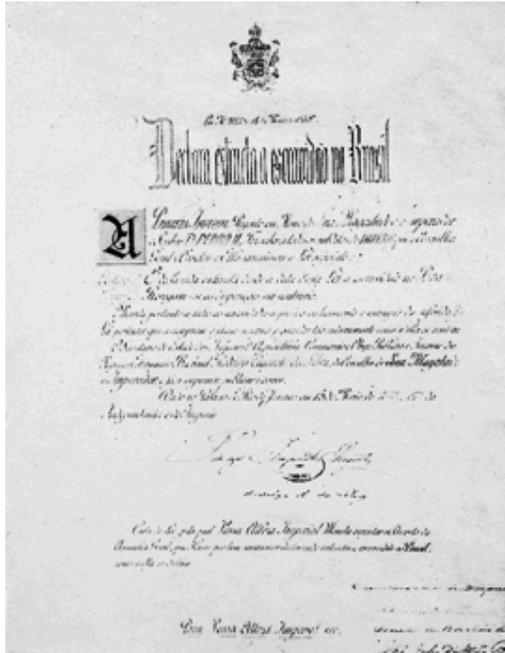
A música de Claude Debussy causou um insólito efeito quando em 1894 ele apresentou o *Prélude à l'après-midi d'un faune* (Prelúdio à tarde de um fauno); a primeira peça musical na história que simplesmente não possuía melodia. Debussy somente indicava um tema melódico, e o abandonava sem desenvolvê-lo.

Não vai longe o exemplo que nos legou Demóstenes que se agigantou em seus discursos depois da derrota de Atenas em 338 a.C., em Queroneia, fazendo-se o combativo líder da facção antimacedônica.

Foi por volta de 330 a.C., na época em que Alexandre o Grande, sucessor de Felipe, disseminava a campanha de conquista da Ásia, Demóstenes proferiu a célebre Oração da coroa. A situação era a seguinte: o orador recebera dos atenienses, em decorrência de sua conhecida defesa da liberdade, uma coroa de ouro. Ésquines, seu desafeto declarado, defensor da política macedônica, o atacou impiedosamente, argumentando a ilegalidade da homenagem. Demóstenes contrapôs ao ataque o discurso, obra-prima da oratória, cujo efeito levou ao exílio Ésquines

Em todas as ilustrações aventadas aqui, podemos indagar inicialmente se de fato as pessoas, os fatos, as contingências envolvidas estavam providas de possibilidades que poderiam ser mobilizadas para que as conseqüências apontassem para caminhos outros. Tanto no caso positivo como no caso negativo, estudaremos nas páginas a seguir quais ações poderiam ser encetadas na clínica filosófica a respeito.

Armadilhas Conceituais
Lúcio Packter



*Pergaminho original da Lei Áurea, que pôs fim à
escravidão no Brasil*

(Arquivo Nacional, Rio de Janeiro.)

Definição de Armadilha Conceitual

Os indícios da presença de Armadilhas Conceituais são identificáveis quando os conceitos que povoam a malha intelectual da pessoa se associam de tal modo que as proposições que imediatamente se deduzem de outras demonstradas, as conseqüências, indicam que a pessoa está presa, encarcerada existencialmente.

Estudando atentamente a história de Guy de Maupassant, especialmente a partir da publicação de *Le Horla*, quando os delírios, as drogas, as terríveis angústias acometem sua vida, mais a morte do irmão, em 1889, que acabou por mergulhar Guy de Maupassant na desesperança, uma conjectura aponta a uma trama de conceitos que pode ter feito com que buscasse na tentativa de suicídio sua ação única.

Certa ocasião eu estava em um atendimento, entre uma aula e outra, na Universidade Estadual do Ceará, em Fortaleza,

e, em um momento avançado das consultas a pessoa exclamou:

- *“Não existe nenhuma outra saída para mim. Devo parar imediatamente com o que estou fazendo com a minha vida. Devo parar com o sofrimento que estou causando em minha casa.”*

Naquele momento dos trabalhos, a pessoa chegava a um termo concludente no qual os conceitos se estabeleceram em tal sorte de junção que “*parar*” tornara-se um imperativo.

Uma armadilha conceitual é um cerco que se fechou. Não interessa mais o caminho, as disposições que se apresentam, as perspectivas que são ventiladas, as tentativas, pois o nó existencial foi construído e segurar-se firmemente os movimentos que buscam afrouxar o entrelaçamento.

Quando a chave gira, empurrando os artefatos da lingüeta da fechadura, trancando a porta existencial que tenta ser aberta pela pessoa, estamos diante de uma armadilha conceitual.

Estava ouvindo uma pessoa em uma manhã muito quente, no jardim do Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí, em Teresina, que me dizia:

- *“Tenho certeza de uma coisa: não posso mais voltar. Quero demais voltar, quero a reconciliação. Sonho com isso todas as semanas. Só que eu tenho a certeza de que isso não é possível. Meu sofrimento é grande.”*

Søren Kierkegaard admitia uma armadilha conceitual ao afirmar que existem contradições insolúveis entre o cristianismo e o mundo. Não há solução. O indivíduo, portanto, deve optar entre ser cristão ou ser não-cristão. São famosos os ataques que desferiu contra a Igreja Luterana oficial da Dinamarca, os pastores, em Sygdommen til døden (A doença para a morte) e Indövelse i Christendom (Exercício para ser cristão).

Se tivermos em conta, por exemplo, que um lutador, ao entrar no Coliseu e em outros anfiteatros do Império Romano, às vezes eles eram meras propriedades de homens que exploravam este negócio, não queriam estar ali

para lutar ou morrer e não tinham outra alternativa, então estamos diante de uma armadilha conceitual. Após o toque de clarim, chicotes e ferros em brasa obrigavam os lutadores temerosos a ir ao centro da arena. Mesmo com a proibição de Constantino I, no ano 325, mais de cem anos se passariam até que os combates fossem extintos.

A esparrela de fato pode enganar, seduzir, cativar, pode ainda se anunciar em tempo hábil de modo a ser evitada, pode convidar sinceramente. Em todos os casos, contudo, a pessoa estará existencialmente travada, contida e estorvada contra qualquer ação contrária.

Tommaso Campanella estudou na ordem dos dominicanos e durante o noviciado teve influência, que se revelaria imperecível, do filósofo Bernardino Telesio, um homem que valorizava mais a experiência do que a fé. Pouco depois, já em Nápoles, Campanella publica *Philosophia sensibus demonstrata* (Filosofia demonstrada pelos sentidos), com conteúdo antitomista. Por isso, foi preso como

herético. Seria preso outras vezes, tendo conhecido Giordano Bruno na prisão. Entre as armadilhas conceituais identificáveis em Campanella, podemos ter indícios quando abjurou e depois confessou sua participação em uma rebelião, fazendo tais confissões mediante tortura.

Quando, enfim, a pessoa estiver presa a uma trama de conceitos e procurar sublevar-se contra a disposição existencial que se estruturou, tentando insurreições e acusando as mazelas que são conseqüências dos contextos, teremos como definição uma, ou mais de uma, armadilha conceitual.



“Leitura da Sentença dos Inconfidentes”, de Eduardo de Sá

(Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro.)

Armadilhas Conceituais e Limites

Em 1508, o Papa Júlio II chamou Michelangelo para pintar o teto da Capela Sistina. A contragosto, aceitou, especialmente por achar-se mais escultor e menos pintor. Além disso, não tinha apego pelo projeto iconográfico, centrado nos 12 apóstolos. Mudou o tema e 4 anos depois a obra estava pronta.

Pois bem, se para Michelangelo o teto da Capela Sistina se constituísse em um obstáculo intransponível contra o qual ele se insurgisse, teríamos uma armadilha conceitual. Se, porventura, o teto foi somente um aborrecimento que ele soube contornar enquanto exercia seu delicado trabalho, tivemos então um limite.

Limites são apenas referências, marcos, indicadores dos seguimentos existenciais. Não são impedimentos contra os quais a pessoa elege ações de oposição.

Vamos considerar George Bernard Shaw, que por volta dos 20 anos resolveu ser escritor.

Seus primeiros escritos estiveram despercebidos e foram sempre evitados pelos editores. Depois viveu anos de frustração; sua mãe pagava as despesas, em Londres, para que pudesse viver. Shaw então dividia seu tempo estudando no Museu Britânico e à noite assistia a palestras ou ia a debates. Seus artigos, que enviou por quase 10 anos aos jornais, raramente foram publicados. Aparentemente, a frustração e as dificuldades pelas quais passou foram limites em sua vida, não foram armadilhas conceituais, especificamente por tudo o que tivemos dele depois.

A sala onde você está agora enquanto lê este livro é, provavelmente, um limite para você. No entanto, se é desejo seu sair dela e a porta está trancada, bem como as janelas, impedindo o seu movimento e aprisionando você, então temos uma armadilha conceitual.

Lembro-me de ter feito um atendimento na biblioteca da Pontifícia Universidade Católica, em Porto Alegre, no qual a pessoa me disse o que segue:

- *“Meus filhos, minha enteada e meu marido não são impeditivos para o que estou fazendo. Esta moral religiosa é que está me matando. Ela me bloqueia. Luto, luto, luto contra isso e não consigo ir a qualquer parte!”*

Especificamente, filhos, enteada e marido parecem ser limites. A armadilha conceitual localiza-se no âmbito moral.

Em 1631, Rembrandt mudou-se para Amsterdam; tinha nesta ocasião muitas e bem-pagas encomendas, além de alunos. Casou-se com Saskia e pintou um quadro com ela que se tornaria famoso: *“Auto-retrato com Saskia”*. Passou a viver no bairro judaico de Amsterdam, em uma bela casa, e trabalhou em muitos retratos, de rabinos e outros judeus, fazendo composições livres e originais de passagens bíblicas.

Subitamente, a vida mudou. Em 1642 Saskia morreu, e Rembrandt ficou com Titus, seu filho, retratado por ele em vários quadros.

Na Holanda de então, a estima por obras de Rembrandt declinou. Sua peculiar leitura

subjetiva não surtia o mesmo efeito nos meios intelectuais.

O que poderia ter sido uma armadilha conceitual na vida do pintor, revelou-se unicamente um limite.

Em franco descaimento financeiro, aprimorou as minúcias, as composições e os contrastes de suas obras.

Em síntese, o filósofo não pode diagnosticar a miséria, o sofrimento, o medo, a dor, a morte, o amor, o desejo, o infortúnio, a felicidade, a fé, os valores e todos os fenômenos que povoam a vida como armadilhas conceituais, pois o contexto pode fazer deles simplesmente limites; limites, não armadilhas conceituais.



*Aristóteles contemplando o busto de Homero, de
Rembrandt
(Metropolitan Museum, New York)*

Elementos na Historicidade

Alguns termos e expressões devidamente contextualizados na historicidade da pessoa são sinais que freqüentemente levam o filósofo a detectar a presença de armadilhas conceituais: *“quanto mais eu me esforço, menos consigo; eu nado, nado, e morro na praia; parece que estou me debatendo em areia movediça; por mais que eu me esforce, sempre as coisas saem erradas; já tentei, na prática, tudo e nada funciona; estou preso, algemado, coagido, bitolado, privado, tolhido, cerceado; estou em um beco-sem-saída, numa sinuca, em uma estrada sem volta; não existe luz no fim do túnel; eu só faço patinar na vida; devagar nunca vou chegar; não tem saída, não tem solução, não existe resposta; não tem jeito; estou perdido, desorientado; não há nada a fazer; o jeito agora é procurar conviver com isso; é uma tremenda enrascada, um novelo de lã sem fim, um nó cego; caí numa rede, quanto mais me debato mais enredado fico; acordei e vi que entrei em uma arapuca, caí na ratoeira, meti a*

mão na cumbuca; só existe uma saída; estou cercado, ilhado”.

Devemos aqui atender a todas as expressões sinônimas a estas. Além disso, é evidente que tudo necessita de estudos comparativos, fundos, contextualizados para que possamos ter um diagnóstico seguro. É freqüente o uso de gírias, jargões, expressões idiomáticas que nada significam daquilo que pretensamente tendem a expressar.

De um modo amplo, quando o filósofo se entranha nos pormenores da historicidade da pessoa, as questões em torno da presença das armadilhas conceituais logo se desenvolvem.

Mas há outras maneiras, intrincadas, trabalhosas de se deslindar, que induzem a erros na localização das armadilhas conceituais.

Mario de Andrade, por exemplo, que pretendia escrever em "*brasileiro*", longe das influências estrangeiras. O que fez ele? Aprontou versos livres, construiu rimas lotéricas, permitiu-se escrever o que lhe ocorria à idéia sem a menor interferência. Em 1926

escreveu Macunaíma, com publicação alguns anos depois. Nascia o herói que transgredia as leis não escritas do heroísmo.

O que nos interessa aqui é saber identificar a armadilha conceitual, se ela existiu, em Mario de Andrade.

Estaria ela na rebeldia do texto, no confronto com o predomínio estrangeiro, nas aflições pessoais de Mario de Andrade que talvez nada tivessem a ver com o que ele expressava?

Possivelmente as respostas surgirão em sua historicidade, ao longo de inúmeros estudos dos dados que forem aparecendo e se modificando pela própria decorrência da narrativa.

No Hospital de Caridade, em Florianópolis, há muitos anos, fiz atendimento a um homem cuja armadilha conceitual logo se pronunciou.

- O senhor fica me olhando assim e eu sei o que o senhor está pensando. O senhor pensa que eu não sei me dar com mulher só porque já

estou na minha quarta companheira. É isso o que o senhor está pensando. Mas o senhor quer mesmo saber a minha verdade? Eu conto para o senhor, quer saber? A minha verdade é que eu andei a minha vida toda atrás do amor.

A armadilha conceitual que se anunciava dizia respeito a “*andar a minha vida toda atrás do amor*”. Mas a historicidade deste homem evidenciava outra armadilha conceitual: ele tinha aversão ao amor e se mantinha seguro longe das manifestações amorosas enquanto mentia para si mesmo afirmando que as procurava. Armou um artil eficaz.

Ainda, talvez, mais complexa é a armadilha conceitual que não se anuncia nem mesmo na historicidade da pessoa por ser a própria historicidade parte da armadilha conceitual.

Vamos fazer uma ligeira adaptação ao que se seguiu à Teoria das Idéias, de Platão, e aos escritos de Descartes em suas Meditações.

Como você sabe se não está, neste exato momento em que lê esta obra, deitado

confortavelmente em um móvel estofado equipado com aparelhos que simulam toda a realidade que você julga estar vivendo neste instante, em um planeta milhões de anos-luz distante daqui?

Se isso for verdade, uma pessoa que infelizmente sofra um acidente aéreo e morra vai acordar suavemente sobre o estofado e rir de tudo o que aconteceu, como fazemos às vezes quando acordamos de um sonho ou saímos de um cinema cujo filme nos interessa comentar.

E, seguindo nossa ponderação, se você já programou lá ao longe, no planeta onde está confortavelmente deitado e sonhando com nossa realidade aqui, se você já programou tudo, inclusive armadilhas conceituais como *“nunca entrar em lugares sem a presença da luz, mesmo desejando ardentemente isso”*?

Vamos supor que é assim mesmo: veritate.

Em tal caso, o filósofo lidaria com esta armadilha conceitual no contexto de sua historicidade. Cedo ou tarde, chegaria o

momento em que ele procuraria quebrar, associar, abrandar, negligenciar, compreender, ou apenas se afastar da questão atestando que não dispõe de elementos suficientes para compreender a armadilha conceitual com a qual se depara.

Em todos os casos, disposições curiosas poderiam ocorrer. Como você constatará nos próximos capítulos, o filósofo poderia obter êxito e transpor (rompendo, evitando, assimilando etc) a armadilha conceitual causando problemas na máquina que programou o seu sonho lá no distante planeta; o filósofo poderia não obter resultados promissores com o tratamento, mas alinhavaria seqüências importantes que poderiam desconstruir o que foi organizado previamente no sonho.

Outras alternativas, que não cabem aqui, podem ser aventadas.



Desenho de Gustave Doré representando Don Quijote.
(Biblioteca Nacional de Madrid)

Progênie Estrutural

São três as origens mais freqüentes das armadilhas conceituais.

A primeira é incidental, tem em si caracteres que se erguem de súbito, podem causar infortúnios graves se forem impeditivas aos eventos essenciais em curso na vida da pessoa.

Um exemplo é a aflitiva situação de Rolando descrita na insigne *La Chanson de Roland* (A Canção de Rolando), atribuída ao trovador normando Théroulde, ainda que dúvidas perdurem entre os historiadores sobre a autoria.

Com margem de segurança, trata-se de uma obra-prima da "*canção de gesta*" este antigo poema épico, cuja versão mais antiga data de 1100.

Ganelão, padrao do valoroso guerreiro Rolando, empreende uma emboscada para este, que sem desconfiar vai para a retaguarda do exército do rei franco. Comandando cerca de

vinte mil homens, Rolando cai na armadilha e é envolvido pelo inimigo. Impetuoso, não soa a trompa que sinalizaria seu pedido de socorro ao imperador. Batendo-se com todas as forças, Rolando, por fim, esborcina a rocha com sua espada mágica – no intuito de quebrá-la. Nem ao menos isso ele consegue. Dá ordens para soar a trompa. Quando Carlos Magno chega encontra os homens de seu exército todos mortos. Sua vinda tardou. Investe então contra o agressor reduzindo o inimigo a nada. Ganelão, pérfido, é preso, julgado e condenado. Um fim terrível para o intrépido Rolando, um dos 12 pares de Carlos Magno.

Considerando as evidentes perdas que as comparações impõem, armadilhas conceituais como esta podem ocorrer quando, ao sair de um teatro, a pessoa sofre um assalto armado; quando o carro sai pela tangente, desgovernado, em uma curva impondo decisões imediatas e provavelmente sinistras; quando um erro na política econômica do país ceifa o emprego que era o alicerce da vida da pessoa.

Certas armadilhas conceituais, pelos atributos com que se infundem podem conduzir a perplexidades ou ações desmedidas.

A segunda origem freqüente é averiguada ao longo da história da pessoa, através de circunstâncias, manifestações, inferências que acabam por levar a um desdobramento inevitável.

Consideremos agora Nikolai Vassilievitch Gogol, crítico agudo de seu tempo, irônico e zombeteiro dos costumes de sua época na Ucrânia.

Gogol sofria continuamente durante a vida por sua sensibilidade aguda que teimava em se restringir aos aspectos mais tristes e contraditórios.

Em 1836, quando foi encenada a inspirada comédia *Revizor* (O inspetor-geral), na qual Gogol maldiz a corrupção dos funcionários do estado, a situação do autor ficou tão insustentável que precisou deixar a Rússia.

Mas, na Itália, a provável armadilha conceitual que o acometia somente se agravou.

Ao escrever *Mertve duchi* (Almas mortas), em 1842, seu ceticismo se aprofunda, um pessimismo que há muito acompanhava sua vida agora é o traço que guia a descrição do abatimento no cotidiano do povo na Rússia. Gogol nunca terminaria a segunda parte deste livro.

Os escritos contidos em *Vibrannie mesta iz perepiski c druziami* (Fragmentos escolhidos da correspondência com os amigos), deixam a descoberto sua miséria de alma, sua dor, a tristeza e a angústia que seguiram com Gogol até a morte em 1852, em Moscou.

Recordo de uma jovem a quem atendi no Instituto Packter, em Porto Alegre, explicando um trecho de sua vida que fazia eco para o passado:

- ... eu sempre fui fechada para o mundo dos outros. O tempo foi passando e eu fui me fechando mais. Estou entendendo que a porta não se abriria novamente. Eu tranquei a porta. Acho que tranquei a porta nos dois sentidos. Ela não abre mais para os outros, ela não abre mais para mim. Eu não sabia que estava

construindo um calabouço. Agora eu sei porque estou presa e não consigo sair.

Mas é a terceira origem freqüente das armadilhas conceituais a que apresenta usualmente as maiores dificuldades de entendimento, e, de início, por ser desconhecida em sua progênie.

Por mais que pesquise a historicidade de uma pessoa, o filósofo nem sempre terá acesso ao que originou uma armadilha conceitual que assola a alma humana. Este impedimento não chega a comprometer a clínica, na maior parte dos casos, e é matéria de estudo de um outro livro chamado “*Historicidade – Uma introdução à fenomenologia da narrativa em clínica*”. Mesmo desconhecendo a ascendência de uma armadilha conceitual, podemos trabalhar suas manifestações por meio da análise dos fenômenos, das características e dos pormenores que a acompanham e que constam ao largo da historicidade da pessoa.

Mas o que leva uma armadilha conceitual a ter sua origem desvanecida a um ponto tal que

pareça indiscernível entre os demais referenciais de vida da pessoa.

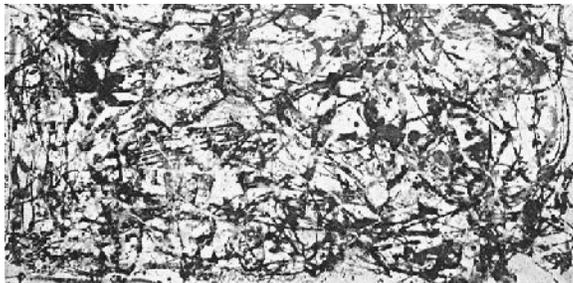
São vários fatores, entre os quais podemos destacar: medo que impede a exposição do conteúdo; equivocidade de conceitos na malha intelectual; perda de conceitos acarretada por ocorrências como acidentes vasculares ou traumatismo craniano; questões hermenêuticas relacionadas à interseção entre o filósofo e a pessoa; eventos isolados.

Além disso, é importante ressaltar que estudos minuciosos apontarão para acontecimentos que demonstrarão um fenômeno excepcional: algumas armadilhas conceituais são formadas por derivações de conceitos que se combinaram, entre eles próprios, de modo confuso – como em choques tópicos. Um fenômeno semelhante a um rio cuja nascente seja difícil de atestar por ser ele formado por pequenos córregos, mais duas ou três vertentes prováveis, e sofrer com as oscilações de lagos próximos.

Encontramos um exemplo disso em Thomas Mann, na obra *Der Zauberberg* (A montanha mágica), de 1924.

Mann abrandou seu nacionalismo após a Primeira Guerra, quando pode testemunhar o militarismo estulto e a ruína dos preceitos éticos na Alemanha, e, ademais, em toda a Europa.

A obra que escreve então é ambientada em um sanatório para tuberculosos. Expõe as armadilhas conceituais de Hans Castorp, que, sendo jovem e tendo tempo para refletir, desce a emaranhados que o atiram dentro dos mistérios da enfermidade, da morte, dos conflitos da vida; por outro lado, o jovem admite abrir-se ao mundo que pulsava fora do sanatório. O fato é que as fontes de onde emanam algumas armadilhas conceituais não se dão a conhecer, talvez por refletirem as angústias e incertezas de Thomas Mann, que migrava para um espírito democrático que parecia, por vezes, mais desconfiar do que propriamente aceitar.



Floresta Encantada, de Jackson Pollock
(Coleção Guggenheim)

Desenvolvimento e Conservação

Para que as armadilhas conceituais possam se desenvolver, agregando manifestações que assegurem sua permanência, necessitam arregimentar características bem definidas e estudadas na clínica filosófica.

Primeiro, a repetição.

David Livingstone, escocês que era médico missionário, calvinista, levou a África e a Europa a uma primeira integração por meio das muitas expedições que empreendeu.

Conheceu as línguas da região com intimidade a partir de 1840, na região do Kalahari.

Dez anos depois, fez amizade com o chefe makololo Sebituane, e acompanhou de perto o mercado de escravos. O fato encheu Livingstone de horror e repulsa. Empenhou-se inteiramente na luta contra este comércio ímpio. Rompeu de um lado ao outro a África, ao sul, ajudado por makololos.

Livingstone mapeou dezenas de rios, lagos, rotas desconhecidas. Mesmo debilitado por doenças tropicais, prosseguiu seu trabalho de pesquisador, morrendo onde hoje é Zâmbia, quando seu corpo devastado sucumbiu.

Livingstone ilustra concretamente o padrão que é característico na maior parte das armadilhas conceituais: a repetição, a roda que gira indefinidamente.

Evidentemente, os fatores que promovem a repetição, o padrão, vão ao infinito: costumes, propensões, habilidades inéditas, amor, fé, reflexões, valores, conhecimentos etc.

No caso de Livingstone, provavelmente suas propensões foram acentuadas pelo rigor de sua formação calvinista, mais os estudos em Glasgow, as interseções que estabeleceu já na África, entre outros.

A segunda característica que assegura a permanência de uma armadilha conceitual diz respeito às acepções e o acolhimento na malha intelectual da pessoa, por necessidade ou por

decorrência das associações dos tópicos da Estrutura do Pensamento.

Esta segunda característica exige atenção por parte do filósofo em suas análises desde a historicidade, passando por Exames das Categorias, Estrutura do Pensamento e Procedimentos Clínicos. Do contrário, a construção peculiar que estrutura armadilhas conceituais não será compreendida e pessoas como Eleazar ben Judá, talmudista, que, mesmo tendo as amadas filhas e a mulher assassinadas por cruzados, reuniu suas forças perdendo e compreendendo seus algozes, pessoas assim dificilmente terão suas ações e pensamentos entendidos em boa parte da extensão que as organiza.

Outros exemplos neste mesmo segmento: Joseph-Ernest Renan, que a partir dos estudos no seminário de Saint-Sulpice, em Paris, até quando emproa sua famosa *Prière sur l'Acropole* (Oração na Acrópole), em Atenas, próximo ao final da vida, mostrando o conflito nunca resolvido entre a fé e o ceticismo; Santo Agostinho, que ergueu uma armadilha

conceitual ao procurar unir concepções neoplatônicas com velhos costumes do cristianismo popular, no que se refere a predestinação, pois se Deus pode salvar qualquer pessoa, ao mesmo tempo não é legível que invalide os sacramentos.

No consultório, além de armadilhas conceituais feitas essas, o filósofo se depara com mães que amam seus filhos acima de tudo, e, no entanto, os abandonam; com homens que odeiam vícios, e, no entanto, jogam até perder tudo o que possuem; jovens que defendem a vida como valor maior, e, no entanto, tiram a própria vida; pessoas que sacrificam uma existência em nome da honestidade e, subitamente, agem com devassidão e se evidenciam criaturas abjetas.



Mulher bebendo, de Pablo Picasso.
(Museu Ermitage, São Petersburgo)

Propriedades

Kritik der praktischen Vernunft (Crítica da Razão Prática), em que Kant expôs a doutrina ética, a consciência moral, ressaltando que unicamente a vontade pode ser concebida como boa ou má, diferenciando os imperativos categóricos dos imperativos hipotéticos, como a punição da lei dos homens, deduzindo, por fim, a metafísica da ética, mas não da ciência, tais pressupostos nos servem aqui de advertência.

Mais tarde, em Les deux sources de la morale et de la religion (As duas fontes da moral e da religião), de Henri Bergson, duas morais entrarão em conflito: a "*moral fechada*", oriunda das imposições sociais, coagindo a pessoa ao automatismo até destruí-la; e a "*moral aberta*", atribuída a místicos que fogem às pressões externas contribuindo assim com alternativas, isso também nos guia por advertência.

Os estudos que Kant e de Bergson nos mostram armadilhas conceituais que eles criaram e entenderam existir no âmbito moral.

Além disso, em uma concepção estritamente clínica, inexistente conformação que possa fazer uma armadilha conceitual ser boa ou má, certa ou errada.

O filósofo, em sua atividade clínica, tem como ocupação entender o significado, as funções, o funcionamento, as conseqüências das armadilhas conceituais. Somente depois de uma pesquisa formal contemplará, pela interseção estabelecida com a pessoa, possibilidades como adaptar, extirpar, desenvolver ampliando ou restringindo, entre outras ações, as armadilhas conceituais vivida pela pessoa.

Suponha uma jovem mãe que se queixa por viver “*tolhida*” pela preocupação de administrar insulina ao filho, uma atividade freqüente que exige paciência, disciplina e adequada boa vontade. Fazer ruir uma armadilha conceitual desta natureza, sem avaliar as condições do filho de administrar os cuidados antes dispensados pela mãe, e os demais fatores

envolvidos, pode colocar em risco sério a vida da criança.

O exemplo serve também para costumes, ensino, conhecimento, religiosidade, política, arte e para os muitos campos que têm esparramados a agir humano.

A partir de 621 a.C., no cargo de magistrado que redigia e interpretava a lei, Drácon ergue um código de leis severas. Para se avaliar a severidade, tais leis puniam com a pena de morte os delitos banais, mas encontram o respaldo nos hábitos de então, e afastavam os eupátridas (os "*bem nascidos*") de engendrar o direito conforme seus interesses. Mesmo que depois Sólon derogasse a duríssima legislação draconiana, Drácon, ao instituir uma armadilha conceitual, afastou conseqüências corriqueiras como as dissensões familiares que levavam a desfechos funestos.

Um segundo ensinamento importante sobre a propriedade das armadilhas conceituais trata da pertinência delas nos contextos imediatos e remotos que o filósofo pesquisa quando apreende a historicidade de uma pessoa.

Na Faculdade de Filosofia São Miguel Arcanjo, em Anápolis, Goiás, onde coordeno a pós-graduação em Filosofia Clínica, estava conversando com uma pessoa, enquanto tomava meu café no intervalo das aulas, que me perguntou como quebrar a armadilha conceitual de uma criança que aos nove anos ainda insiste em usar aquelas garrafinhas com chupeta, a mamadeira.

Quando procurei me informar sobre o assunto, obtive como resposta que “*não é normal uma coisa dessa!*”.

De minha parte, uma pessoa pode usar a mamadeira eternamente se for do desejo dela, bem consideradas as circunstâncias.

Recentemente, uma ex-aluna do estado de São Paulo, negligenciando o que estudou comigo durante as aulas, levou diretamente a ser medicada por um médico uma pessoa cuja armadilha conceitual era periférica e inexpressiva nas circunstâncias da vida daquela pessoa.

Se manifestações como roer as unhas, ocupar-se excessivamente com as contas a pagar, fumar, obesidade, tristeza, falta de perspectiva para a vida, sair-se mal em projetos que exigem ousadia, medos, timidez, vertigens, solidão, angústia, dúvida, carências afetivas forem, de fato, armadilhas conceituais, isso por si somente não é condição suficiente para que o filósofo as erradique da malha intelectual.

O próprio anseio que traz a pessoa ao consultório para se ver livre de tais manifestações é freqüentemente consequência de fenômenos fundos que, estes sim, requerem antes a atenção cuidadosa do filósofo.

A armadilha conceitual pode ser vivenciada pela pessoa como a cerda do ouriço que a pespega causando incômodo. Mas, diante de uma análise demorada, o filósofo pode constatar que a cerda do ouriço é, na realidade, parte de um madeiro grosso que serve como peça fundamental de sustentação da Estrutura do Pensamento da pessoa. Menoscabado e removido o espinho, a construção vem abaixo.

Uma ilustração provocativa ocorreu com Gerhart Hauptmann que acatou sua armadilha conceitual, deixando a escola por volta dos 15 anos, para trabalhar, aprender escultura em Breslau; depois tivemos a primorosa peça Die Weber (Os tecelões), em 1892, que expõe a revolta defraudada de proletários desesperados diante da inevitável mecanização, pela miséria. Mas é evidente que inúmeros exemplos infelizes e contrários a este também são facilmente encontráveis, o que nos leva diretamente a discutir se o filósofo deve trabalhar as menores armadilhas conceituais que encontra em sua análise na clínica.

É provável que, ao lidar com as questões maiores e mais complexas na historicidade, certas conseqüências acabem por atingir as cercanias reacomodando as armadilhas conceituais periféricas. Muitas vezes é assim.

De qualquer modo, a resposta a esta discussão passará necessariamente pelo estudo diligente das questões que se estruturam a partir da historicidade.



*A Extração a Pedra da Loucura, de Hieronymus Bosch,
(Museu do Prado, Madrid).*

Desfecho das Armadilhas Conceituais

Os conceitos tecem infinitas combinações na malha intelectual. Formam nós, emaranhados, labirintos, becos-sem-saída, teias que quando apresentam a característica de aprisionar o indivíduo, que se opõe a isso de alguma maneira, denominamos de armadilhas conceituais.

As armadilhas conceituais podem acompanhar a pessoa durante a vida; podem entibiar ficando indolentes; podem deslustrar e sucumbir; podem medrar ganhando exuberância enredando praticamente todos os tópicos da Estrutura do Pensamento; podem expelir do útero novas armadilhas conceituais; podem experienciar um efeito ablativo agudo e perecer subitamente; podem exhibir insignificâncias, quando na realidade se constituem elos fundamentos de interseção; podem altercar com outras armadilhas conceituais promovendo aniquilações mútuas ou embates que levam a pessoa a padecimentos cruéis. De conformações previsíveis até combinações inéditas, as armadilhas conceituais são construções que se

assemelham às cores variegadas de um caleidoscópio.

Assim, Dmitri Dmitrievitch Chostakovitch, quando estudava piano, muito cedo abandonou a interpretação para dirigir seu trabalho para a composição, cedendo a uma propensão que lhe era a cada instante mais intensa. Criativo, conseguiu passar pela política cultural soviética, vigorosa, escrevendo óperas notáveis. Nomeado para o Conservatório de Leningrado (hoje São Petersburgo), compôs sua sétima sinfonia, Leningrado, em 1941, bela e épica. O indivíduo pode entregar-se a uma armadilha conceitual em toda a extensão de sua disposição subjetiva.

Vita di Vittorio Alfieri scritta da esso (Vida de Vittorio Alfieri escrita por ele próprio), a autobiografia de Vittorio Alfieri, elucida choques ruidosos entre armadilhas conceituais de um homem que viveu os dois lados de uma época difícil na qual, de um lado, a burguesia promovia sua revolução, e, de outro lado, descia a ladeira a nobreza. Desorientado e vivendo o melhor e o pior deste período, em Turim, depois

publicaria trabalhos memoráveis que hoje nos auxiliam a compreender parte do que aconteceu entre 1750 e 1800 na Itália.

O exemplo legado por Cartago em seu aniquilamento diante de Roma notabiliza um choque no qual a armadilha conceitual é improrrogável e fatal. Manteve por anos um combate desigual, usou os cabelos de suas mulheres para fazer cabos e cordas, teve oitenta por cento de sua população dizimada e os sobreviventes foram banidos e vendidos como escravos; o local foi destinado oficialmente à danação permanente; o próprio nome foi banido da rota dos mapas.

Mas a armadilha conceitual pode morrer também deixando a pessoa seguir aliviada. Epicteto, nascido próximo do ano 55, cujo nome quer dizer "*adquirido*" por ter sido escravo em Roma quase até a idade adulta, teve sua liberdade e dedicou sua vida aos trabalhos em filosofia estóica.

Podemos averiguar em muitos casos que as armadilhas conceituais são desejáveis e esforços consideráveis são realizados para a

manutenção delas, como acontece no amor, nos
laços que unem amizades, famílias, sociedades.



A Aldeia e Eu, de Marc Chagall
(Museu de Arte Moderna, New York)

Parábola do Caminhante

Houve uma vez um homem que iniciou uma caminhada. Na aldeia onde apareceu pouco se sabia sobre ele. Raramente conversava e, quando o fazia, pranteava que lhe doía a planta dos pés ou apregoava, brioso, ter dado mais de trezentos e noventa mil passos apenas recentemente.

O caminhante era visto deitado por poucos momentos, extenuado, admirando a inflorescência no cinamomo, que lhe emprestava uma boa sombra, descansando. Nestas raras ocasiões, comentava sobre a beleza daquelas pequenas flores paniculadas.

Mas logo o caminhante mirava os horizontes e se punha novamente em marcha.

Um caixeiro de uma quitanda, que durante muitos anos cuidara de enfermos, falou a uma tecelã que o caminhante estava caminhando há muito tempo, pois as pernas arqueavam sobre a postura curvada do corpo.

O comissário, desconfiado de algum delito seguido de fuga, prendeu o caminhante, mas depois precisou soltar o homem, uma vez que não dispunha de provas. Na cadeia o caminhante permaneceu todo o tempo andando de um lado a outro da cela.

O reverendo proferiu bênçãos e pediu a Deus que amparasse o caminhante, um possível pagador de pecados previstos nos livros sagrados.

O médico assistencial colheu sangue do caminhante, enquanto ele bebia água no açude, para identificar a alucinação que fizera o homem perder o juízo; talvez um tipo de intoxicação por drogas alucinógenas.

O filósofo do condado subiu até o cume de um monte, com um pequeno e interessado grupo de pessoas, e apontou lá de cima mostrando que o caminhante estava, realmente, andando sobre uma enorme estrada que perfazia um círculo, preso a uma armadilha conceitual, e mostrou o livro *“Filosofia Clínica – Propedêutica”* no qual aparece esta ilustração. Mas apareceu um outro filósofo dizendo que

pela extensão da estrada, e segmentando a trajetória, não se poderia nunca afirmar que o percurso desenhasse um círculo, mas sim uma reta.

Um terceiro filósofo surgiu questionando se existiria de fato um caminho. As pessoas então se olharam admiradas e voltaram para suas casas.

Enquanto os filósofos seguiam com as discussões, o caminhante seguia sua caminhada.

Alguns dias depois, em um final de tarde, o reideiro que plantava algodão, veio às pressas ao povoado chamar a todos: o caminhante estava caído na estrada.

Foi uma tristeza em todo o condado, com decretação de luto oficial acompanhado de uma caminhada, que, principalmente as crianças, fizeram questão de executar.

Nos dias seguintes surgiram notícias de que o caminhante teria uma mulher e filhos que estavam procurando por ele, na aldeia vizinha, mas a notícia logo foi desmentida, assim como outras que afirmavam que ele tinha fugido do

manicômio, que, aliás, nem existia, e coisas assim.

Algumas semanas depois, o capulho do algodoeiro amadureceu, exibindo as lamina fibrosas que cobrem as sementes. O algodão precisava ser colhido e levado às usinas de beneficiamento, onde se separa a fibra do caroço. O assunto foi rapidamente esquecido. Agora o povo se prepararia para a tradicional festa do algodão. Mas alguns filósofos continuaram discutindo no cimo do monte; estavam em uma parte importante dos debates que consistia em saber se o caminhante tinha de fato existido.



Navio de Emigrantes, de Lasar Segall
(Museu Segall, São Paulo)

Desenlaçando Armadilhas Conceituais

Determinações de diferentes ordens implicarão na decisão do filósofo de interferir incisivamente em uma armadilha conceitual modificando sua organização, sua estrutura, seu funcionamento, suas associações.

Muitos são os cuidados, muitas são as deliberações até que se possa arregimentar elementos que propiciem a segurança necessária.

O Minotauro, ser horrível com corpo de homem e cabeça de touro, resultado da paixão da rainha Pasífae por um magnífico touro branco, foi colocado em um labirinto erguido por Dédalo.

Mais tarde, a cada nove anos, os atenienses deveriam enviar sete rapazes e sete virgens para serem devorados pelo Minotauro.

Após muitas vidas sacrificadas, Teseu se ofereceu como voluntário. Entrou no labirinto, venceu e matou o Minotauro. Em seguida, usando o longo fio de um novelo de lã que lhe

fora apresentado por Ariadne, filha de Minos, fugiu célere da ilha de Creta levando Ariadne e os companheiros atenienses.

Portanto, saber o caminho (epistemologia), além de componentes como valentia, força, caráter, parece ter sido o modo como Teseu desatou a armadilha conceitual constituída basicamente no labirinto.

Completamente outra foi a maneira concebida por Raskolnikov, em 1866, em Crime e Castigo, de Fiodor Dostoievski.

O estudante, o jovem Raskolnikov, passa por remorsos, culpas lancinantes, pesares por ter assassinado duas pessoas, consequência inicial de seu desespero, miséria, aflições.

Os diálogos que sustenta com o comissário são devastadores para a existência do estudante. As dúvidas que Raskolnikov nutre descem pesadamente sobre sua alma.

Uma prostituta abre passagem para a desconstrução da armadilha existencial quando ele confessa a ela seus atos. Raskolnikov chega então aos livros no Novo Testamento.

Diverso, contudo, é o direcionamento que o filósofo planifica no desenlace de uma armadilha conceitual.

Dostoievski mostrou uma armadilha conceitual arraigada de amargura e propôs uma alternativa consistente, difícil, segundo seu modo de compreensão.

Não é este pressuposto o que sugere a clínica filosófica.

Após um minucioso estudo a partir da historicidade da pessoa, quando o filósofo estiver diante de elementos que indiquem, com firme pertinência, como se originou, como se desenvolveu e se preserva, quais as relações que esta armadilha conceitual estabelece com os tópicos da Estrutura do Pensamento, somente então os procedimentos clínicos serão iniciados.

A Estrutura do Pensamento compreende trinta tópicos que se associam e se subdividem indefinidamente ao infinito. Tal estrutura abrange manifestações como emoções, valores, dados cognitivos, reflexões, religiosidade e todos os fenômenos que ocorrem na malha

intelectiva; além disso, por ser uma estrutura aberta, possui dispositivos para abrigar fenômenos inéditos e desconhecidos.

ESTRUTURA DE PENSAMENTO

1. Como o mundo parece (fenomenologicamente)
2. O que acha de si mesmo
3. Sensorial & Abstrato
4. Emoções
5. Pré-juízos
6. Termos agendados no intelecto
7. Termos: universal, particular, singular
8. Termos: Unívoco & Equívoco
9. Discurso: Completo & Incompleto
10. Estruturação de raciocínio
11. Busca
12. Paixões dominantes
13. Comportamento & Função
14. Espacialidade : Inversão
Recíproca de inversão

Deslocamento curto

Deslocamento longo

15. Semiose
16. Significado
17. Padrão & Armadilha conceitual
18. Axiologia
19. Tópico de singularidade existencial
20. Epistemologia
21. Expressividade
22. Papel existencial
23. Ação
24. Hipótese
25. Experimentação
26. Princípios de verdade
27. Análise da estrutura
28. Interseções de estrutura de pensamento
29. Dados da matemática simbólica
30. Autogenia

Existem maneiras básicas utilizadas
freqüentemente nos consultórios da clínica

filosófica para o desmonte e remanejo das armadilhas conceituais.

A primeira maneira refere-se a uma modificação direta no próprio tópico onde habita a armadilha conceitual.

Um exemplo disso está em pessoas que precisam se afastar do contexto (cidade, trabalho, sociedade – tópico 1 – Como o Mundo Parece) para poderem quebrar suas grades existenciais. Provavelmente isso ocorreu com Mikhail Glinka, músico inquieto e amarrado por conflitos que engessavam suas melodias, somente aos 25 anos, quando deixa a Rússia pela Itália, adoentado, somente então concebe e constrói uma música genuinamente russa, coisa inviável enquanto habitou sua pátria.

Evidentemente, o filósofo não se deixará ludibriar, tanto quanto isso for possível, com aparentes contradições como considerar argumentos que partem de premissas verdadeiras, ou tidas como verdadeiras, e chegam a uma conclusão inadmissível. Porque, por exemplo, quebrar uma armadilha conceitual, libertando a pessoa, pode representar tirá-la da

sociedade e colocá-la entre as grades de uma prisão, às vezes um dos poucos lugares onde a pessoa se sentirá de fato segura, livre e viva: na prisão.

Talvez, e não dispomos de dados suficientes para afirmar categoricamente, em muitos momentos isso tenha ocorrido com Antonio Gramsci, que na Itália fundou o partido comunista. Preso em 1926, sentenciado a mais de vinte anos de prisão, escreveu dezenas de cadernos na cela. Suas *Lettere dal carcere* (Cartas do cárcere) constituem um precioso documento.

Sofrendo com a tuberculose, Gramsci morreu menos de uma semana depois de ter sido '*solto*'. Ou, dependendo na natureza da armadilha conceitual que possa ter vivido, menos de uma semana depois de ter sido verdadeiramente preso.

Ilustrei aqui a interrupção de uma armadilha conceitual relacionada ao tópico 1, Como o Mundo Parece, mas outras exemplificações desta primeira maneira de

desmonte e remanejo por ação direta em um tópico são comuns.

Vamos ao tópico 28, Interseções de Estruturas de Pensamento, que se refere aos vínculos. É naturalmente compreensível que o casamento, a amizade, o amor podem ser elementos de liberdade ou de interdição, quando não de ambos, conforme veremos logo a seguir.

Um casamento, uma amizade, um amor que se tornem um cárcere prendendo contra a vontade uma, ou mais de uma, pessoa; considere que é viável o desmanche do cárcere com uma ação direta sobre este tópico. Assim, a pessoa pode simplesmente arrumar seus objetos pessoais em uma folgada sacola e partir.

Talvez a afirmação que acabou de ser feita cause incredulidade ou espanto, mas o fato é mais corriqueiro do que provavelmente é suspeito de ser. Deixe-me explicar: imagino que já ocorreu com você ter tido a certeza de que a porta estava fechada e, ao tentar torcer a maçaneta na esperança de forçar a abertura, surpreendeu-se que a pesada peça girou sobre os gonzos e apenas abriu; suponho também que

you already had conviction that your classmate would never fall in love with you, and even if she heard the teasing remarks that were her characteristic trait as a classmate, and, nevertheless, when she heard it happened exactly the opposite.

For the similarity occurs here as well.

But we must consider that in many and many cases the crease of the fold followed by the tearing of the conceptual trap is dilemmatic and can implicate in assailing the life of the person.

There is also a conceptual trap that does not move at the request, is implacable, and nothing can be done against it. In such cases the philosopher will use all his effort to minimize the suffering of the person.

The days that accompanied the internment of Vincent Van Gogh in the hospital of Saint-Rémy-de-Provence, the terrible crises, the depression, the isolation, the known and available resources at the time, all the context pointed to a sad end that ended up happening. O

pintor conheceu efeitos apaziguadores quando foi morar em Auvers-sur-Oise, sendo acompanhado pelo médico Paul-Ferdinand Gachet. Ainda assim, sua provável armadilha conceitual não arrefeceu em seus últimos dias de vida, como testemunharam obras feitas "Campo de trigo com corvos", de 1890.

Uma segunda maneira de desmanche e remanejo de armadilhas conceituais consiste em agir sobre a resultante de uma associação de tópicos ou enfrentando várias disposições tópicas simultaneamente. Entre outras razões, esta atitude se revela produtora quando a ação sobre um tópico isolado for inviável.

Georges Bizet estreou *Les Pêcheurs de perles* (Os pescadores de pérolas) em 1865, com libreto grosseiro. A partir daí viveu um período difícil com críticas árdidas aos seus trabalhos, insucessos e uma tristeza severa que evoluiu até arremessar Bizet em depressão. Mesmo *Carmen* foi recepcionada melancolicamente nos meios intelectuais e pelos críticos. Bizet, que tinha problemas cardíacos, teve sua depressão

aumentada. Refugiou-se em sua casa, em Bougival, nas cercanias de Paris, onde morreu.

Em circunstâncias similares, nas quais a aparente armadilha conceitual aperta gradativamente o nó formando um redemoinho não exorável, que atrai e arrasta os demais conceitos da malha intelectual, formando armadilhas conceituais secundárias, uma atitude de acompanhamento em tópicos, a um só tempo, tende a surtir efeitos promissores.

Mas existe uma advertência irrevogável aqui que deve ser cuidadosamente atendida. Ocorre que quando o filósofo lidar com armadilhas conceituais estruturadas em uma junção de tópicos, a autogenia (organização entre tópicos e submodos) deve ser estudada de perto em sua evolução.

Uma pessoa que é usuária de uma droga como a cocaína, que agora vive uma armadilha conceitual que consiste em parar com a utilização deste pó, que tenha tido constatada em sua historicidade que a armadilha conceitual se sustenta nos quatro primeiros tópicos estruturais da seguinte maneira: o ambiente que

a pessoa freqüenta a impulsiona ao uso da droga (tópico 1 – Como o Mundo Parece); sua auto-estima melhora momentaneamente com o uso da droga e ela aprecia muito esta manifestação (tópico 2 – O que Acha de Si Mesma); sensorialmente, a pessoa se sente bem, ainda que algumas síndromes de tristeza e choro a incomodem e suas idéias lhe abrem perspectivas maravilhosas, ainda que absurdas (tópico 3 – Sensorial e Abstrato); sua alegria, felicidade episódica, em muito ultrapassa a tristeza química potencializada pela droga (tópico 4 – emoções). Em um tal quadro clínico, que deve necessariamente ser respaldado pela historicidade, poderia ser contraproducente ao tratamento caso o filósofo se ocupasse de trabalhar somente com o tópico 4 (emoções); ao amenizar os episódios ligados aos sentimentos, talvez incrementasse a necessidade sensorial da droga, entre outras ações. O filósofo construiria para ele próprio uma armadilha conceitual no atendimento. Portanto, o exame da historicidade torna-se mais uma vez decisivo.

Evidentemente, os pesos subjetivos dos tópicos, bem como os submodos disponíveis, são fundamentais.

Uma terceira maneira básica de desmonte e remanejo das armadilhas conceituais consiste na erradicação delas.

São inúmeros os exemplos de mau fado no que se refere à construção e expurgo de armadilhas conceituais no cotidiano, longe dos cuidados da clínica.

Euclides da Cunha protagonizou um desses casos infelizes. Certa ocasião retornava ele ao Rio de Janeiro; Euclides da Cunha trabalhou no Itamarati com o barão do Rio Branco. Por este tempo, descobriu o adultério de sua mulher, que o traía com um atirador do Exército. O jornalista e escritor tentou mirar e matar o oficial, mas foi imediatamente morto com uma bala certa no peito, isso em 1909. O filho de Euclides da Cunha, alguns anos depois, procurou vingar a morte do pai e acabou conhecendo o mesmo fim.

Como se consegue na clínica filosófica um tal efeito exato, ainda que não horrível como o acontecido com Euclides da Cunha?

A dimensão da historicidade, bem apurada, deixará, mais e menos em cada caso, traços, indícios, marcas, expedientes que, apropriadamente enraizados, apontarão o dado nevrálgico que conduz à agonia a armadilha conceitual.

Os exemplos aqui são realmente loquazes: um homem que acredite hipnoticamente, contra qualquer argumento razoável em contrário, ser predestinado a uma morte atroz (pré-juízos) pode desprender-se ao descobrir que é digno do amor de seus netos (emoções); uma criança cujo pensamento é veloz em demasia causando vertigens (ação) pode desembaraçar-se ao sincronizar o pensamento com seu batimento cardíaco (sensorial); uma velha mulher que tem freqüentemente pesadelos (abstrações) pode desimpedir-se ao refletir sobre a incongruência (raciocínio) dos sonhos.

Prontamente um estudante de Filosofia Clínica constata que não existe uma relação de necessidade entre os tópicos pré-juízos e emoções, ação e sensorial, abstrações e raciocínio, fora dos exemplos citados. De fato, somente pesquisando trabalhosamente na historicidade da pessoa o filósofo poderá chegar a este tipo de relação que gera morte subitânea de uma armadilha conceitual.

A quarta maneira básica de desmonte e remanejo de uma armadilha conceitual consiste em acompanhá-la, avaliando periodicamente a autogenia, e suavemente acrescentar, pelos procedimentos clínicos, objetos conceituais que lentamente vão desconstruindo os alicerces. Samuel Beckett, com a peça *En attendant Godot* (Esperando Godot), que estreou em Paris em 1953, evidencia os pormenores de um posicionamento parecido no qual dois velhos arruinados e largados no mundo conversam roboticamente, enquanto aguardam um certo Godot que não chega.

Esta quarta maneira costuma ter seus melhores efeitos em pessoas que preferem

desgastar, pungir, ulcerar, roer gradativamente até que a armadilha conceitual, enfraquecida e pobre, defina por si somente.

Estas quatro maneiras básicas de desmanche e remanejo de armadilhas conceituais são meramente introdutórias, pois muitas outras maneiras são pertinentes e, de acordo com as circunstâncias, podem ser mais fluentes e eficazes do que estas que serviram de ilustração. Por exemplo: abandono da armadilha conceitual à própria sorte quando ficar caracterizado seu fim próximo; construir uma segunda armadilha conceitual que entre em choque com a primeira, gerando uma desconstrução mútua; e assim sucessivamente.



A Sesta, de Vincent van Gogh
(Museu d'Orsay, Paris)

Ultra-humano: além das Armadilhas Conceituais

Uma constatação freqüente no consultório é que muitas pessoas apreciam viver as armadilhas conceituais, elaboram tais construções meticulosamente, queixam-se que seus limites atrapalham o andamento da vida, coisa que não aconteceria se esses limites fossem armadilhas conceituais.

Ouvi em uma de minhas consultas que costumeiramente faço nos jardins da Universidade Moura Lacerda, Ribeirão Preto, onde coordeno a pós-graduação em Filosofia Clínica, de uma jovem de 22 anos:

- Eu não me sinto bem alheia no mundo. Não tenho uma fé, não tenho uma vocação, não tenho alguma coisa que me segure. As pessoas têm um trabalho, não têm mesmo?! Cada um tem uma coisa que prende. Por que eu não consigo isso?

Apregoar que um estado recomendável de existência fosse um prenúncio de vida sem

armadilhas conceituais, uma vida na qual os limites fossem os parâmetros, uma vida então na qual a pessoa pudesse escolher e alterar continuamente as disposições, pois não estaria presa ou cerceada por nada e ninguém, tal postulado é, em princípio, tão indefensável na clínica filosófica quanto seu longínquo oposto (que às vezes é seu vizinho de porta), a armadilha conceitual.

Vamos a algumas ilustrações que servem de fundamento a estas concepções:

1. Uma pessoa pode construir uma armadilha conceitual para poder ser livre dentro desta. Exemplo: a pessoa casa sabendo que não poderá mais realizar atividades que lhe são caras; entretanto, sua experiência subjetiva no exercício da instituição casamento lhe propicia a completa liberdade que sua Estrutura do Pensamento sequer supôs existir.

2. A pessoa pode ser mutilada, flagelada, escrava de suas emoções, que constituem um tópico pouco influente para ela (tópico 4); contudo, pode ser livre em sua fé, que se insere em um tópico determinante para ela (pré-

juízos). Ou seja, presa em um tópico pouco determinante para ela, e livre em um outro tópico que para ela é determinante. Exemplo: Um jovem desgrenhado, aparentando independência, autonomia, pode estar encarcerado por uma armadilha conceitual como querer ardentemente ser de outra forma, mais disciplinada, e não conseguir por ser escravo de sua liberdade; enquanto um funcionário que trabalha em um cartório aparentando armadilhas conceituais severas pode viver livre de amarras.

3. A pessoa pode viver limites porque sua armadilha conceitual consiste em não ter armadilhas conceituais. Exemplos: a pessoa vive como andarilho existencial não se deixando prender a nada como religião, costume, época e outros.

4. A pessoa pode viver limites porque sua Estrutura do Pensamento está constituída de tal modo que não existem condições para que se formem armadilhas conceituais. Exemplos: pessoas que vivem amores, família, sociedade usufruindo de uma inédita forma que demonstra a capacidade genuína de conseguir viver sem

tais elementos, tendo outros ou não, sem conflitos e chagas que levem a formatar prisões existenciais.

É oportuno mencionar certas disposições que ocorrem quando armadilhas conceituais ríspidas, que se caracterizaram por austeridade, implicando em entraves de grandes proporções, foram enfim aplacadas.

Algumas pessoas passam por um período de encantamento, emocionam-se com as pequeninas manifestações rotineiras como se somente agora descobrissem que existem; algumas pessoas ousam imediatamente, como se necessitassem testar os parâmetros que agora se abrem a fim de terem a certeza de que a armadilha conceitual foi abrandada ou definitivamente afastada; algumas pessoas quebram as armadilhas conceituais, sabem intimamente que é assim, e simplesmente vão se ocupar com outras manifestações; algumas pessoas se voltam contra o que as prendeu tão dolorosamente por tanto tempo e deliberam atividades para entender o que houve, para evitar que outras pessoas vivam o que elas

viveram; algumas pessoas aparentam que nada se modificou e fazem permanecer tudo rigorosamente como sempre foi, o que leva o filósofo a erguer reflexões a respeito.

Este último ponto deve ser explanado ainda. Suponha aqui uma pessoa que tenha sofrido imensamente em um relacionamento; o marido não a respeitava, freqüentemente dirigia a ela palavras ofensivas, não demonstrava afeto, e usualmente erguia críticas particularmente duras. Meses depois, com a armadilha conceitual rompida, o que temos? O marido continua não respeitando a mulher, freqüentemente ainda dirige a ela palavras ofensivas, não demonstra afeto, e usualmente ainda ergue críticas particularmente duras. Aparentemente, nada mudou. Mas apenas aparentemente.

Algumas pessoas, como a mulher do exemplo, transformam os elementos que constituíam a armadilha conceitual em mero limite, em referencial somente. Um aspecto é o indivíduo estar preso ao trabalho, à família, a uma relação, infeliz e sabendo perfeitamente

que não consegue se desobstruir disso; outro aspecto é o indivíduo estar ligado ao trabalho, à família, a uma relação, infeliz e sabendo perfeitamente que pode romper com tudo e seguir rumo a novas direções no momento em que achar que assim deve ser feito.

Uma analogia que gera ainda calorosas discussões no Rio Grande do Sul é quando, em uma roda de chimarrão, o assunto trata dos esfarrapados que lutaram de 1835 a 1845, na mais longa revolução que o país já viveu. Alguns argumentam que nada mudou e que, na verdade, a Guerra dos Farrapos, se não tivesse acontecido, teria causado os mesmos efeitos. O assunto ainda comove e provoca defesas apaixonadas. O povo gaúcho costuma ter calma pequena para certos temas de sua história.

Com a revolução já deflagrada, Bento Gonçalves foi preso e levado para o forte do Mar, na Bahia, milhares de quilômetros longe dos acontecimentos que corriam. As forças governamentais, imperiais, pagaram muito pelo erro de achar que uma prisão deteria Bento Gonçalves. Nadando fugiu e assumiu novamente

como comandante das forças revolucionárias, mais determinado ainda em seu levante.

Mas quando em fevereiro de 1845 Bento Gonçalves aceitou tratar do armistício, sendo assinada depois a ata de pacificação, não foram poucos os gaúchos que entenderam a bravura do ato de paz, que selava uma vitória pelo contexto no qual surgia, como um reconhecimento de derrota.

Posteriormente, a situação retornou à rotina dos dias aparentando que tudo seguia exatamente igual; no entanto, além da aparência de que nada mudou, as coisas nunca mais foram as mesmas.



*Guerra dos Farrapos, de Wash Rodrigues
(Pinacotena do Estado de São Paulo)*

Conclusão

Os filósofos clínicos têm acompanhado, gravado e transcrito historicidades de milhares de pessoas, desde os pré-estágios, passando pelos estágios, e na própria prática clínica depois de formados.

Documentam em seus consultórios, nos hospitais, nas escolas o que escrevi nestas páginas.

Não é notícia extraordinária que vivemos em uma época que nos anuncia, paulatinamente, o fim das armadilhas conceituais e o início de uma era de limites. Mas, ao que tudo indica, não é ainda esta a ocasião.

A partir do escrito que este livro acentuou, torna-se indicativo o quanto os discursos de liberdade, de igualdade, de subjetividade, de individualidade, alteridade, respeito, amor, o quanto tais discursos somente propõem a troca de umas armadilhas conceituais por umas outras. É este um dos legados do

nosso período; uma característica, entre várias, pela qual será lembrado.

Mas estudos cuidadosos e pesquisas demoradas são fundamentais para que se tenha concepções consistentes de modo a fazer transições de armadilhas conceituais para limites. Considerando unicamente os dias de hoje, uma pessoa que se guie por limites e não apresente armadilhas conceituais será provavelmente mal-afeiçoada, mal-aventurada, mal-vinda. Nossa época é um elogio a algumas das últimas, e fortemente estruturadas, armadilhas conceituais: liberdade, subjetividade, opinião, individualismo, direito, compromisso, fé, sinceridade, amor, justiça social, educação e outras.

Prudentemente, ao rever os apontamentos, aos poucos torna-se perceptível que as pesquisas sugerem para breve um outro tempo. Um tempo que, excedendo os nossos dias, provavelmente surge no âmbito de paz e júbilo; não houve outro semelhante. O ultra-humano possivelmente não será o filho de Zaratustra. Os indícios apontam para outros

caminhos, para um horizonte mais brando,
provavelmente mais meigo feito,
aproximadamente, o suave profeta da Galiléia,
sem as armadilhas conceituais que ele viveu,
mas esperançosamente com todos os limites que
ele anunciou.

F I M

Bibliografia

1. Apolônio de Rodes, em sua crônica sobre os argonautas

Teogonia, de Hesíodo

2. Eurípides, na tragédia Medéia, foram alguns dos grandes escritores gregos que trataram da lenda de Jasão.

3. A tragédia Prometeu acorrentado, de Ésquilo

4. Política, de Aristóteles.

5. II candelaiio, de Giordano Bruno

6. Roman de la Rose, de Guillaume de Lorris

7. Tiers Livre des faictz et dictz héroïques du noble Pantagruel, de François Rabelais

8. Otelo, de Shakespeare.

9. Os Sofrimentos do jovem Werther, de Johann Wolfgang Goethe.

10. The French Revolution, Thomas Carlyle

11. Et Dukkehjem (Casa de bonecas), de Ibsen.

12. Ethica ordine geometrico demonstrata (Ética demonstrada segundo a ordem geométrica), de Baruch Spinoza

13. Elegia di madonna Fiammetta, de G. Boccaccio

14. Decameron, de G. Boccaccio

15. Crítica da Razão Pura, de I. Kant

Kritik der praktischen Vernunft (Crítica da razão prática), em que Kant

16. El ingenioso hidalgo don Quijote de la Mancha, de Miguel de Cervantes.

17. Divina Comédia, de Dante Alighieri

18. Le Horla, de Guy de Maupassant
19. Sygdommen til døden (A doença para a morte), de Søren Kierkegaard
20. Indövelse i Christendom (Exercício para ser cristão), de Søren Kierkegaard
21. Philosophia sensibus demonstrata, de Tommaso Campanella
22. Macunaíma, de Mario de Andrade
23. La Chanson de Roland, de Toroldo, ou Théroulde,

24. Crime e Castigo, de Fiodor Dostoievski.

25.

24. Revizor (O inspetor-geral), de Gogol.
25. Mertve duchi (Almas mortas), de Gogol.
26. Vibrannie mesta iz perepiski c družiami, de Gogol

27. Prière sur l'Acropole (Oração na Acrópole),
de Joseph-Ernest Renan

28. Vita di Vittorio Alfieri scritta da esso (Vida
de Vittorio Alfieri escrita por ele próprio), de
Vittorio Alfieri

29.